

CICLOS SAZONAIS – OUTONO EM TEERÃ

*Sonia Bonzi

O céu de Teerã, nos últimos seis meses, tem sido azul, sem nuvens, sem chuvas. A poluição paira sobre a cidade e torna a paisagem embaçada. A secura incomoda a respiração e faz proliferar os vírus. Tosses, catarros, dores no corpo, desânimo e cansaço são os sintomas das viroses. A pele, sem óleo de amêndoas doces para protegê-la, encarquilha. Na mesinha de cabeceira uma garrafa d' água é indispensável. A boca, a garganta e as narinas estão sempre em desconforto.

Com a chegada do outono, as árvores mudaram de verde para amarelo-alaranjado. As folhas que caem colorem e sujam calçadas e parques. Os pássaros migrantes começam a chegar devagarinho, fugindo do frio das estepes russas. Outros já tomaram o rumo sul. As rosas continuam brotando e florindo. O pezinho de maracujá que plantei subia lindo pelas grades da janela, preparando-se para florir. Agora, mostra que é tropical, que não suporta o frio, e perde o viço a cada dia que passa. Os pés de couve, que entremeei entre as flores, não têm força para soltar folhas novas e encolhem-se.

Frutarias e lojinhas espalhadas pelos quatro cantos da cidade, sempre muito iluminadas, estão fotogênicas. É época de romãs, limas da Pérsia, laranjas, caquis, mexericas, uvas, nozes e uma enorme variedade de folhas e legumes. Os peixes vindos do Golfo Pérsico e do Mar Cáspio têm guelras e olhos frescos, muito diferente dos que chegam no verão, de aparência pouco confiável. Enormes estão os camarões e as trutas de cativeiro. Os feijões graúdos e as beterrabas cozidas, soltando fumaça, voltaram a ser vendidos nas calçadas, expostas em imensas bandejas de alumínio. As lojas que vendem sorvetes perdem os fregueses para as que vendem sopas borbulhantes.

O véu na cabeça, nesta época, chega a ser um conforto e protege contra o vento e a poluição. As roupas e sapatos de inverno já passam a ocupar os armários. Os lençóis de flanela substituem os de algodão. O ciclo das estações...

Tempo de renovação, de mudanças, de esperar por nuvens, chuva, umidade, neve, fogo das lareiras, milho cozido na brasa...

O cotidiano se arrasta. As ruas estão movimentadas. O trânsito continua intenso e desordenado. O povo vive suas vidas normalmente. A ameaça de bombardeios – tão anunciados pela imprensa internacional – não assusta muita gente. Não crêem os iranianos que virão. Se vierem, vão se defender, lutar se preciso. Com uma História que passa de três milênios, confiam na sobrevivência dos persas.

E outonos virão. E a eles se sucederão invernos, primaveras e verões

* Sonia Bonzi é embaixatriz do Brasil no Irã